

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

FRANCIELE MARTIN MIRANDA RIBEIRO

**VARIAÇÃO ESTILÍSTICA E SUAS CONCEPÇÕES NA BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR (BNCC)**

**BAGÉ
2021**

FRANCIELE MARTIN MIRANDA RIBEIRO

**VARIAÇÃO ESTILÍSTICA E SUAS CONCEPÇÕES NA BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR (BNCC)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé
2021**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

FRANCIELE MARTIN MIRANDA RIBEIRO

**VARIAÇÃO ESTILÍSTICA E SUAS CONCEPÇÕES NA BASE NACIONAL COMUM
CURRICULAR (BNCC)**

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura
em Letras Português e Literaturas de
Língua, da Universidade Federal do
Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciada em
Letras

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Taíse Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Helen Cristina da Silva
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Thiago Santos da Silva
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **HELEN CRISTINA DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/05/2021, às 17:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **THIAGO SANTOS DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/05/2021, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0518676** e o código CRC **F4F19A90**.

Referência: Processo nº 23100.007411/2021-36 SEI nº 0518676

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido chegar até aqui com ânimo e força para vencer esse desafio.

Agradeço ao meu esposo Leonardo por ter estado sempre ao meu lado me incentivando e acreditando no meu potencial por nunca ter me deixado desistir em meio às várias crises de choro. Foram muitas coisas de que abrimos mão para que chegasse esse dia.

À minha filha Isabella por ser um dos motivos maiores pelo qual eu chequei até aqui.

Aos meus pais por todo apoio que me proporcionaram nesses quatro anos de curso. Vocês não pouparam esforços para que eu pudesse alcançar o meu objetivo.

À Prof.^a Dr.^a Taíse Simioni pela dedicação e paciência que teve comigo durante toda a elaboração e desenvolvimento deste trabalho. Também deixo o meu agradecimento ao projeto de pesquisa Varlin que discute o papel da variação linguística no ensino e formação de professores, do qual também a professora é coordenadora e que teve um papel fundamental para que eu pudesse ampliar meus conhecimentos nessa área e contribuído com meu trabalho. Agradeço a todos os professores do Curso de Letras por todo conhecimento e experiências compartilhados durante estes anos.

Aos membros da banca examinadora, Prof. Dr. Thiago Santos e Profa. Dra Helen Cristina da Silva pelas contribuições ao meu trabalho.

À minha amiga e colega de curso Luciane Lopes, que compartilhou dos mesmos sentimentos de alegria e ansiedade, porém, sempre me incentivou a não desistir. Com certeza ficarão saudades dos momentos que vivemos ao longo dessa jornada.

À Unipampa por proporcionar um ensino superior de qualidade que nos traz orgulho de fazer parte desta Universidade.

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que me proporcionou uma experiência e incentivo à docência, contribuindo para a minha formação como professora.

Por fim, gratidão a todas as pessoas que passaram por minha vida nessa trajetória acadêmica e que de algum modo contribuíram para a minha graduação. Meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir a questão da variação estilística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta pesquisa está fundamentada em autores como Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) e Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011), os quais apresentam diferentes concepções de estilo nos estudos sociolinguísticos. Quanto à metodologia, foram extraídos fragmentos da BNCC que faziam menção a alguns termos como “adequação linguística”, “estilo”, “monitoração” e “variação linguística”. No total foram identificados e analisados dez trechos que apresentavam tais elementos. Dos resultados obtidos, constatamos que a BNCC faz uma menção explícita e implícita às noções de estilo e adequação, e é possível afirmar que há uma variedade de concepções de estilo. Apesar de ser identificada tal variedade, verificamos que há um predomínio da concepção laboviana, a partir da qual o falante tem um papel mais passivo, adaptando o seu estilo ao ambiente em contextos de formalidade/informalidade. Identificamos que a noção de estilo por Eckert (2000) é mencionada apenas no ensino médio. Essa concepção é vista como um processo de bricolagem no qual o falante tem um papel ativo de estilo e a partir dos recursos linguísticos que possui pode criar um novo estilo, revelando sua identidade e o grupo social ao qual pertence.

Palavras-Chave: BNCC. Variação estilística. Adequação Linguística. Estilo. Monitoração.

ABSTRACT

The present work aims at discussing the question of stylistic variation in the National Common Curriculum Basis (BNCC). This research was grounded in authors such as Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) and Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011), which have different style conceptions in the sociolinguistic studies. As for the methodology, fragments of the BNCC were extracted, which mentions some terms such as "linguistic adequacy", "style", "monitoring" and "linguistic variation". In total, ten sections with such elements were identified and analyzed. From the results obtained, we found that BNCC makes an explicit and implicit mention of the notions of style and adequacy, and it is possible to state that there are a variety of conceptions of style. Although such a variety is identified, we find that there is a predominance of the Labovian conception, from which the speaker has a more passive role, adapting his style to the environment in formal / informal contexts. We identified that the style notion by Eckert (2000) is only mentioned in high school. This conception is seen as a bricolage process in which the speaker plays an active role style and from their own linguistic resources they may create a new style, as they reveal their identity and the social group they belong.

Keywords: BNCC. Stylistic variation. Linguistic adequacy. Style. Monitoring.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Concepção de estilo predominante na BNCC.....	31
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- QUADRO DE INFORMAÇÕES DOS TRECHOS ANALISADOS.....	30
---	----

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CONSED - Conselho Nacional de Secretários de Educação

UNDIME - União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

MEC - Ministério da Educação

DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais

PCNS - Parâmetros Curriculares Nacionais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 As três ondas sociolinguísticas.....	13
2.2 As três noções de estilo nos estudos sociolinguísticos.....	14
3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA BNCC.....	17
3.1 Concepção de língua/linguagem na BNCC.....	21
4 METODOLOGIA.....	22
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	24
5.1 Concepção de Labov.....	24
5.2 Concepção de Bell.....	26
5.3 Concepção de Eckert.....	28
5.4 Quadro de informações dos trechos analisados.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a questão da variação estilística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na pesquisa, verificamos como a adequação linguística e a noção de estilo apresentam-se na BNCC, documento normativo de ensino. Para a fundamentação teórica, buscamos autores como Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) e Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011), os quais apresentam diferentes concepções de estilo nos estudos sociolinguísticos.

O objetivo geral do estudo é analisar a questão da variação estilística na BNCC.

Os objetivos específicos do trabalho são:

- Analisar se a BNCC faz menção, explícita ou implicitamente, à adequação linguística e à noção de estilo;
- Identificar se há variedade de concepções de estilo presentes na BNCC;
- Observar se há predomínio de uma concepção em relação às demais.

De acordo com Souza e Simioni (s.d.), não há como falar sobre adequação/inadequação linguística sem levar em consideração a noção de estilo. Como explica Machado (2012), ao longo dos anos, diferentes concepções de estilo foram desenvolvidas na área da sociolinguística. Destacamos a relevância deste trabalho sobre adequação linguística e a noção de estilo porque discutirá como a BNCC apresenta essas concepções no que se refere ao ensino de língua portuguesa. Sabemos que a sociolinguística é uma ciência que nos permite analisar a língua em uso e suas variedades em seus aspectos linguísticos e sociais. A partir disso, torna-se significativo o estudo sobre o tema em discussão no processo de formação de professores de língua portuguesa. É com esse conhecimento que se torna possível que o docente discuta com os alunos as noções de adequação linguística e estilo.

Este estudo está organizado em seis capítulos: introdução, fundamentação teórica, contextualização da BNCC, metodologia, análise dos resultados e considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica deste trabalho foi dividida em duas seções: a primeira seção trata das três ondas da sociolinguística; e a segunda aborda três noções de estilo: a de Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), a de Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) e a de Eckert (2005 *apud* HORA; WETZELS, 2011).

2.1 AS TRÊS ONDAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Nesta seção, referimo-nos ao que Eckert (2005 *apud* HORA; WETZELS, 2011) chamou de três ondas da sociolinguística. A primeira delas está relacionada aos estudos de William Labov (2006), fundador da sociolinguística variacionista, do mesmo modo chamada de teoria da variação e mudança, abordagem teórica que está ligada ao uso das variáveis na sua relação com categorias sociais como classe socioeconômica, etnia, idade e sexo. Segundo Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 920),

A premissa dos estudos de primeira onda é, pois, que as variedades linguísticas carregam o status social de seus falantes. A metodologia dos estudos de primeira onda é calcada na correlação entre as variáveis linguísticas e as categorias socioeconômicas em sentido amplo, cuja classificação se dá de forma estável, homogênea e padronizada de modo a permitir a replicação, como faixa etária, sexo, etnicidade, escolaridade.

Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011, p. 162) estabelece a primeira onda com as seguintes características:

Estudo de comunidades geograficamente definidas.
A hierarquia socioeconômica como um mapa do espaço social.
Variáveis como marcadores de categorias sociais primárias que conduzem traços de prestígio/estigma.
Estilo como atenção prestada à fala e controlado por orientação relativa ao prestígio/estigma.

De acordo com Conchalo (2015, p. 37), na segunda onda da sociolinguística, os estudos são etnográficos e estão voltados para comunidades menores e revelam como as variedades linguísticas têm significado local e ideológico. Essas variáveis linguísticas são desenvolvidas em comunidades localmente específicas.

Para Veloso (2014, p. 1743) essa onda engloba estilos como atos de filiação e tem como características: “estudos etnográficos de comunidades definidas geograficamente; categorias locais como links para demográficas e variáveis como indexação de categorias localmente definidas”.

A terceira onda está associada com a construção do significado social em comunidades de prática, definidas como práticas estilísticas dos falantes em um contexto social. Eckert (2005) destaca o recurso da linguagem para a construção de identidade e os significados construídos socialmente. Como explicam Hora e Wetzels (2011, p. 163),

O indivíduo não existe isolado da matriz social, mas a ela está ligado através de formas estruturadas de engajamento. O indivíduo constrói uma identidade – um sentido de lugar no mundo social – equilibrando a participação em diferentes comunidades de prática, e em formas de participação em cada uma dessas comunidades.

A terceira onda da sociolinguística é caracterizada por Eckert (*apud* HORA; WETZELS, 2011, p. 164) da seguinte forma: “estudos etnográficos das práticas das comunidades; categorias locais resultantes da construção de estâncias comuns; indexação de variáveis a estâncias, atividades, características e estilo como construção da persona”.

Ainda, de acordo com Veloso (2014), na terceira onda sociolinguística, os estudos visam compreender a variação, levando em consideração a função que o sujeito tem e exerce em seu meio social no contexto das comunidades de prática, observando o estilo como uma condição que leva à construção do significado social.

2.2 TRÊS NOÇÕES DE ESTILO NOS ESTUDOS SOCIOLINGUÍSTICOS

Esta seção tem como objetivo refletir sobre três noções de estilo associadas aos estudos sociolinguísticos, propostas, respectivamente, por Labov (2006 *apud* MACHADO, 2012), por Bell (1984, 2001 *apud* SILVA, 2016) e por Eckert (2000 *apud* CASSIMIRO, 2018).

Segundo Machado (2012, p. 3), a noção de estilo para Labov (2006) está ligada à atenção prestada à fala, ou seja, ao contexto de formalidade/informalidade, no qual o sujeito é levado a monitorar mais ou menos a fala, assim alterando o estilo. Conforme o autor:

A atenção à fala é o cerne da sua proposta de estudo do estilo. Para ele, a mudança de estilo pode ser medida pelo grau de monitoramento que um falante dedica à própria fala. Quanto maior for o nível de atenção do falante, maior será o seu direcionamento linguístico em relação à variedade padrão da língua. Do mesmo

modo, quanto maior a desatenção do falante ao seu modo de falar, maior será a aproximação ao uso vernáculo da língua¹ (MACHADO, 2012, p. 3).

A segunda noção de estilo é apresentada a partir da perspectiva de Allan Bell (1984; 2001 apud SILVA, 2016, p. 44). Trata-se do *audience design*, ou seja, do estilo como resultado do design de audiência. Para o autor, “o estilo é essencialmente uma resposta do falante a sua audiência”. Assim, podemos afirmar que o sujeito adequa a sua linguagem mediante o interlocutor durante a interação, ou seja, o falante tem habilidade de adaptar a sua fala e essa mudança de estilo pode acontecer quando ele é levado pelos interlocutores a alternar seu estilo. Segundo Pontes e Lima (2018, p. 151),

A partir disso, Bell (1984) estabelece diferentes tipos de interlocutores os quais, dependendo da proximidade com o falante, exercem mais ou menos influência sobre a variação estilística. Desse modo, os tipos de interlocutores são os que se seguem: *addressee*, *auditor*, *overhearer*, *eavesdropper*. Bell não considera apenas o interlocutor, ou seja, o destinatário (segunda pessoa), mas inclui, nesse grupo, as terceiras pessoas. Sendo assim, o primeiro grupo (*addressee*) é formado por ouvintes que são conhecidos, ratificados e endereçados, ou seja, a segunda pessoa; no segundo grupo (*auditor*), os interlocutores são conhecidos e ratificados pelo falante, mas não diretamente endereçados; no terceiro (*overhearer*) estão os ouvintes de cuja presença o falante tem consciência, mas não são ratificados e, no quarto grupo (*eavesdropper*), estão os ouvintes, cuja presença o falante não ratifica e da qual não tem consciência.

A terceira noção de estilo é apresentada por Eckert (2000 apud CASSIMIRO, 2018). Refere-se ao estilo como prática social. Segundo Cassimiro (2018, p. 435), “as noções de identidade e de estilo em ‘terceira onda’ estão diretamente ligadas ao processo de elaboração e manejo de ‘personas’. Assim, um mesmo falante pode manipular diferentes personas para cada situação de fala e interlocutor”.

Eckert (2000) traz essa concepção como uma questão de construção de identidade, ou seja, o falante revela o seu estilo durante a interação com seus interlocutores. De acordo com Veloso (2014, p. 02), “o estilo se define pelo que o falante faz com a língua levando em conta o universo

¹ Como explica Machado (2012, p. 5), “Labov ressalta que o vernáculo é o estilo ideal para as análises linguísticas – aquele a que o sujeito presta o mínimo de atenção ao monitoramento da sua fala, o uso encontrado na maioria das circunstâncias linguísticas do cotidiano, em casa, nos bares, com amigos e familiares. A fim de obter esse vernáculo, a teoria laboviana estabeleceu um contínuo estilístico que vai da fala mais casual – dada pelos contextos de informalidade, de menor atenção à fala (*casual speech*) à mais monitorada – revelada pelos contextos formais, de alto grau de atenção (*careful speech*)” .

social que o permeia. É, eminentemente, algo social, e como tal, encontra seu significado nas associações entre o indivíduo, sua identidade e os papéis que ele desempenha no mundo”.

Na concepção de estilo como prática social, compreendemos que não há uma única possibilidade de estilo e que o falante tem um papel ativo. Dependendo do grupo a que ele pertence, pode adotar um estilo ou outro criando um significado social, ou seja, o sujeito, através do uso das variáveis linguísticas, pode produzir novos significados sociais. Como explica Nogueira (2010, p. 23), com base em Eckert (2005) e Hebdige (1984), “o estilo é uma prática de bricolagem por meio da qual os indivíduos combinam uma ampla gama de recursos disponíveis, de modo a construir novos significados, ou ainda distorcem significações antigas de modo a criar novas”. Conforme Mangabeira (2016), o estilo como uma prática de bricolagem é quando o sujeito combina diferentes recursos já disponíveis e cria um novo estilo.

Compreendemos que, na noção de estilo para Eckert (2011), o falante tem um papel mais ativo, porque as variantes linguísticas assumem significados sociais. O falante é interpretado como um usuário ativo da linguagem por ter a capacidade de construir sua identidade. Segundo Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011, p. 162), na concepção laboviana, o estilo do falante está ligado ao lugar que ele ocupa na hierarquia socioeconômica e, assim, o foco do seu estilo se dá unicamente pela atenção prestada à fala, ligado ao prestígio/estigma.

Em relação as três concepções de estilo, podemos dizer que elas não são substituíveis, que não há uma noção de estilo mais correta do que a outra. De acordo com os estudos de Eckert (2006 *apud* MACHADO, 2012), as noções de estilo são complementares e mostram uma evolução das três ondas da sociolinguística ao longo dos estudos.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DA BNCC

Nessa seção discorreremos sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), abordando: (i) o que é a BNCC; (ii) seu objetivo; (iii) por que e como surgiu; (iv) que modificações foram realizadas ao decorrer dos anos e (v) as polêmicas geradas ao longo da sua elaboração. Também discutimos, na seção 3.1, a noção de língua/linguagem que a BNCC adota em sua versão final.

A BNCC é um documento de caráter normativo que orienta as escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. De acordo com Cury, Reis e Zanardi (2018, p.65), “a BNCC se constitui como um projeto normativo que estabelece um documento prescritivo de competências, habilidades, conteúdos, ou, como é denominado no documento, de direitos de aprendizagem”.

Ainda de acordo com Cury, Reis e Zanardi (2018) a BNCC não é um currículo e sim um modelo de referência para as redes escolares estaduais, municipais e privadas. De acordo com Brasil (2018, p. 16) “a BNCC desempenha papel fundamental, pois explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas”.

Esse documento tem como objetivo garantir o direito dos estudantes, promovendo conhecimento, e também orientar os currículos dos estados e municípios brasileiros. Tais currículos orientam a construção das propostas pedagógicas. De acordo com Brasil (2018, p. 16),

A BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos.

De acordo com Triches (2018, p. 83-84), a BNCC é uma política de Estado e faz parte do Plano Nacional da Educação na Lei de Diretrizes e Bases, Lei nº 9.394 de 1996. Segundo Triches (2018), a BNCC é considerada uma exigência do sistema educacional brasileiro pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), pelas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (BRASIL, 2009) e pelo Plano Nacional de Educação.

No ano de 1988, a Assembleia Nacional Constituinte estabeleceu no artigo 210 da Constituição a criação de uma base comum curricular para o ensino fundamental. De acordo com Brasil,

Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais.

1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

2º O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem (BRASIL, 1988, Art. 210).

Segundo Silva e Santos (2018, p. 03), a primeira versão da BNCC foi elaborada no ano de 2014 e, no ano seguinte, o documento foi disponibilizado para consulta pública. Em 2016, para a segunda versão da Base, ocorreram seminários organizados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) e pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME), em vários estados do país. Essa segunda versão da BNCC foi dividida em duas partes pelo Ministério da Educação (MEC), uma é referente à Educação Infantil e ao Ensino Fundamental e a outra ao Ensino Médio. De acordo com Brasil (2016, p. 24-25),

A segunda versão aborda a concepção de educação como direitos individuais e coletivos visando a capacitar o indivíduo ao exercício da cidadania: [...] como direito [que] abarca as intencionalidades do processo educacional, em direção à garantia de acesso, pelos estudantes e pelas estudantes, às condições para seu exercício de cidadania. Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, apresentados pelos componentes curriculares que integram a BNCC, referem-se a essas intencionalidades educacionais.

De acordo com Freitas, Silva e Leite (2018, p. 859), a terceira versão da BNCC foi aprovada em abril de 2017, fomentando novos debates sobre o aprimoramento do documento, e foi homologada pelo MEC no dia 20 dezembro do mesmo ano.

Segundo Brasil (2017, p. 7), a segunda versão da BNCC se baseava nos princípios éticos, políticos e estéticos das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica (DCN), através de sete Direitos de aprendizagem que deveriam ser comuns a todos os estudantes brasileiros. A versão final da BNCC ampliou para dez competências gerais cognitivas e socioemocionais com o mesmo objetivo humanista da segunda versão, que procura a formação de uma sociedade mais igualitária, democrática e abrangente. De acordo com Brasil (2017, p. 08),

O conjunto de Competências gerais da Versão Final da BNCC amplia o conjunto de Direitos de aprendizagem e desenvolvimento da Versão 2 em três aspectos: 1. Na consideração da importância da apropriação crítica, significativa, reflexiva e ética das tecnologias digitais de comunicação e informação (Competência 5). 2. Na consideração da importância da dimensão socioemocional na formação dos alunos, levando-os a se conhecer e a cuidar de seu bem-estar físico e emocional (Competência 8). 3. Na ênfase sobre a importância de que os conhecimentos construídos na escola levem os alunos a agir com base em princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (Competência 10).

Em torno dessas mudanças, houve diversas polêmicas que foram discutidas por alguns autores, revelando impasses observados durante a elaboração e divulgação da terceira versão ao público, sendo considerada falsamente democrática em seu processo de criação e sem discussões entre as partes. Conforme Cury, Reis e Zanardi (2018, p. 14-15),

Entendemos que a aprovação da BNCC não esgotou os debates como também não resolveu os problemas e lacunas nela observados durante a sua elaboração e apresentação da versão final ao público. Observamos como principais limites as evasivas quanto à formação de professores, a pouca clareza quanto aos recursos para o financiamento e efetivação de uma base nacional democrática, federativa e diferenciada. Observamos ainda a pouca participação de crianças e jovens nas definições da BNCC, a dissimulação de um processo de elaboração da BNCC falsamente democrático quando, na realidade, foi parcial, não acolhendo as críticas e os debates que ocorreram em paralelo em sua elaboração.

Sabemos que a BNCC é uma política de Estado e entre a sua segunda e a terceira versão ocorreu a transição do governo Dilma para o governo Temer. Sobre o tema, Cortinaz (2019, p. 49) pondera que

A Base Nacional Comum Curricular é uma política de Estado que já se encontra em seu terceiro governo, o que é algo incomum no Brasil tratando-se de políticas curriculares e o que também demonstra a sua força. Porém, é inegável que o Governo Dilma conduziu o processo de construção da BNCC de uma forma e obteve resultados distintos nesse processo se comparado ao Governo Temer.

Conforme Cortinaz (2019, p. 13), ao se fazer uma análise entre a segunda e a terceira versão da BNCC, notam-se retrocessos em sua elaboração após a transição de governo, pois, para o autor, “a Base Nacional Comum Curricular, até o golpe parlamentar sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff, demonstrava evolução na ampliação e criação de espaços participativos e decisórios na construção de políticas curriculares no Brasil”.

De acordo, ainda, com Cortinaz (2019, p. 41), o Conselho Nacional de Educação (CNE), em agosto de 2018, promoveu o dia “D” da BNCC. Houve apenas cinco audiências públicas para a discussão da elaboração da BNCC para o ensino médio:

O processo de construção da BNCC iniciou com cerca de 12 milhões de contribuições à primeira versão do documento obtidas por meio de consulta pública online; a segunda versão, ainda no Governo Dilma, foi discutida em 28 audiências públicas presenciais em todos os estados do país; já a terceira versão, no Governo Temer, contou com 5 audiências públicas presenciais nas diferentes regiões do país e com 1 Dia D para discutir a BNCC para o Ensino Médio. Ignorar este fato ou minimizá-lo nas análises sobre a construção de políticas públicas, educacionais ou curriculares, é grave em um período de tanta luta pela democracia e contra o autoritarismo.

Para Cury, Reis e Zanardi (2018, p. 84), a BNCC se tornou mais um campo de conflitos ideológicos na sua elaboração e aprovação. Consideramos essas discussões sobre as polêmicas acerca da BNCC importantes, pois ela ainda possui lacunas a serem preenchidas. É fundamental que haja esses debates educacionais para o aprimoramento contínuo do ensino e que essas discussões levem em consideração os atuais problemas enfrentados pela educação brasileira. A BNCC não deveria ser instrumento político de governo. Ela deve, portanto, assegurar a inclusão e a pluralidade do ensino de acordo com as competências criadas para manter os princípios éticos e democráticos de igualdade.

Diante das críticas feitas à BNCC, consideramos que, apesar dos problemas estruturais que precisam ser repensados, a BNCC ainda é de extrema importância para a educação brasileira. É um documento oficial que já foi debatido por representantes da sociedade, alvo de estudos de pessoas capacitadas nos assuntos educacionais e é o documento que temos disponível para reger a educação brasileira.

Como já mencionamos, a BNCC é uma ferramenta que serve como referência para a construção dos currículos de todos os sistemas de ensino do país. De acordo com Brasil (2018), a BNCC e os currículos têm finalidades complementares para a educação, garantindo os conhecimentos essenciais para cada fase do ensino básico. Os currículos elaborados pelas instituições de ensino, além de orientar a construção dos projetos educativos, ajudam a adotar novas estratégias didático-pedagógicas. Com relação aos objetivos da BNCC, tais como ser um importante recurso, uma base para a elaboração dos currículos e garantir o direito à aprendizagem, acreditamos que ela é um grande passo para o desenvolvimento do meio educacional e que é necessário darmos

continuidade a esses debates e pesquisas em torno dela, a fim de que a educação brasileira possa avançar, garantindo uma educação de qualidade para todos.

3.1 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA/LINGUAGEM NA BNCC

Nesta seção, apresentamos o que a BNCC traz como concepção de língua/linguagem.

Segundo Prado (2019), antes de a BNCC propor uma concepção de língua interacional, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNS), documentos elaborados pelo governo federal para orientar a educação privada e pública no Brasil, já traziam essa concepção, ou seja, uma linguagem como interação discursiva entre os falantes em suas diversas interações sociais:

Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 2017, p. 67).

Ratificando essa questão, Rocha (2019, p. 103) afirma que “o documento assume uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem”. Como menciona Santana (2020, p. 97), a BNCC pode ser relacionada ao conceito de linguagem na perspectiva de Bakhtin, que, em seus estudos, entende a língua em um nível discursivo de interação social ligada a todos os campos de atividade humana: “Esses campos, ou esferas sociais, são todas as áreas e instituições sócio historicamente construídas em que o processo comunicativo acontece, como por exemplo, no âmbito político, religioso, científico, publicitário, literário, cotidiano, escolar etc”.

Compreendemos que a concepção de língua/linguagem na BNCC está norteada em um processo de interação entre os sujeitos, pois a linguagem surge na interação entre os interlocutores, ou seja, é nesse processo de interação que a língua é constituída.

4 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com base na última versão da BNCC, que é um documento de caráter normativo com a finalidade de orientar a educação brasileira em escolas públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio². A partir da leitura desse documento, verificamos a questão da variação estilística.

Para desenvolver esta pesquisa, analisamos, especificamente, alguns fragmentos extraídos da BNCC. As etapas desse processo foram: (i) analisar o conteúdo de língua portuguesa na seção 4.1.1, na seção 4.1.1.1 e na seção 4.1.1.2, do ensino fundamental, e (ii) a seção 5.1.1 e a seção 5.1.2, do ensino médio. Para formar o *corpus* do estudo, após a leitura das seções mencionadas, extraímos os trechos que fazem menção à adequação linguística e à noção de estilo explícita ou implicitamente. Para tal, verificamos se houve a presença dos termos como “adequação linguística”, “estilo”, “monitoração” e “variação linguística”.

Com essa investigação, buscamos apontar se essa versão da BNCC denota uma concepção de adequação ou estilo adotada por Labov (2006 *apud* HORA; MACHADO, 2012), que, conforme Machado (2012), apresenta uma noção de estilo mais passiva, na qual o falante se adapta ao ambiente. Seu estilo pode ser mais ou menos monitorado, ou seja, dependendo do contexto de formalidade/informalidade, o sujeito presta mais ou menos atenção à sua fala.

De acordo com Silva (2016), o estilo por Bell (2001) é abordado como *design* de audiência. O estilo é uma resposta do falante que adequa sua fala em função do seu interlocutor. Durante a comunicação, o sujeito acomoda o seu estilo para seus ouvintes, ou seja, há uma alternância de estilo em que o sujeito adequa sua fala para se adaptar ao seu interlocutor.

Segundo Mangabeira (2016), com base em Eckert (2000), o estilo é visto como bricolagem, a partir do qual o falante, com diferentes recursos que possui, tem a capacidade de construir um novo estilo e revelar sua identidade. Essa terceira noção de estilo revela um papel mais ativo do falante, que pode revelar sua identidade e mostrar à qual grupo social pertence.

Este trabalho está baseado nessas três diferentes concepções de estilo apresentadas e, através da leitura dos excertos selecionados, constatamos quais concepções estão sendo denotadas nessa versão da BNCC e indicamos se ela possui uma visão mais restrita a uma concepção ou se alcança diferentes noções de adequação e estilo.

² O texto da BNCC está disponível no endereço eletrônico <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>

A análise foi organizada a partir das três concepções de estilo apresentadas anteriormente: a de Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), a de Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) e a de Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011).

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para a realização desta pesquisa, analisamos o conteúdo de língua portuguesa da BNCC, no ensino fundamental e médio. Foram identificados dez trechos que fazem menção explícita ou implícita à adequação linguística e à noção de estilo. A seguir apresentamos os fragmentos que foram recortados da BNCC, bem como suas respectivas análises.

5.1 CONCEPÇÃO DE LABOV

Nesta seção realizamos a análise dos trechos que fazem menção à noção de estilo por Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011). Nessa concepção, há uma monitoração do estilo, ou seja, o falante adapta sua fala de acordo com o contexto de formalidade/informalidade. Na sequência, apresentamos os excertos nº 1, que diz respeito a uma estratégia de produção, nº 2 e nº 3, que se referem ao tratamento das práticas orais, nº 4, que se refere a uma habilidade de planejamento e produção de textos jornalísticos, e o nº 5, que diz respeito a uma habilidade referente a práticas de leitura.

Excerto nº 1

“Desenvolver estratégias de planejamento, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, considerando-se sua adequação aos contextos em que foram produzidos, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semioses apropriadas a esse contexto, os enunciadores envolvidos, o gênero, o suporte, a esfera/ campo de circulação, adequação à norma-padrão etc” (BRASIL, 2017, p. 78).

Excerto nº 2

“Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto” (BRASIL, 2017, p. 80).

Nos excertos nº 1 e nº 2, verificamos que as noções de adequação linguística revelam o estilo de um falante mais passivo. Quando os fragmentos mencionam que se deve considerar a adequação aos contextos em que os textos foram produzidos, entendemos que estão fazendo menção ao grau de atenção do falante ao contexto de formalidade/informalidade, ou seja, aqui

o estilo tem a ver com o grau de monitoramento que leva o sujeito a alternar o seu estilo e prestar mais ou menos atenção a sua fala.

Excerto nº 3

“No caso de textos orais, essa análise envolverá também os elementos próprios da fala – como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação, variedade linguística adotada, estilização etc. –, assim como os elementos paralinguísticos e cinésicos – postura, expressão facial, gestualidade etc. No que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero” (BRASIL, 2017, p. 80).

Constatamos que, no excerto nº 3, a BNCC também traz a questão da adequação linguística quando se refere ao estilo de acordo com a situação de produção, ou seja, afirma que, conforme o ambiente, o sujeito adapta o seu estilo. É importante ressaltarmos que, quando a BNCC trata de “estilo de gênero”, mencionado na maioria dos trechos, entendemos que existe uma interação comunicativa e fica subtendido que existe uma presença de outros falantes na interação. Em síntese, nesse trecho não existe uma menção explícita aos interlocutores, logo a noção de estilo revelada é a de Labov (2011), na qual o foco é o contexto de adequação.

Excerto nº 4

“(EF69LP12) ³Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc”. (BRASIL, 2017, P. 145)

Excerto nº 5

³ De acordo com Brasil (2017), esse código se refere à uma habilidade proposta na área de língua portuguesa relacionada ao ensino fundamental.

“(EM13LP16) ⁴*Produzir e analisar textos orais, considerando sua adequação aos contextos de produção, à forma composicional e ao estilo do gênero em questão, à clareza, à progressão temática e à variedade linguística empregada, como também aos elementos relacionados à fala (modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc.) e à cinestesia (postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc).*” (BRASIL, 2017, p. 509)

Nos fragmentos nº 4 e nº 5, quando é mencionado “analisar textos orais considerando sua adequação aos contextos de produção”, é possível verificar uma noção explícita de adequação que leva o sujeito a se adaptar ao contexto, ou seja, ao ambiente. Nessa concepção, o sujeito pode alternar seu estilo, monitorando a sua fala. De acordo com Silva (2016), a variação estilística do sujeito é identificada quando o falante alterna seu estilo e quando há um grau, maior ou menor, de monitoramento e atenção prestada a sua fala, o que está em conformidade com uma concepção laboviana.

Nesses trechos analisados, averiguamos a questão da adequação linguística presente na BNCC que leva em consideração o contexto de produção, ou seja, o falante considera o ambiente em que está e se ajusta a ele monitorando a sua fala.

5.2 CONCEPÇÃO DE BELL E LABOV

Nesta seção apresentamos a análise dos trechos que fazem menção à noção de estilo proposta por Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011), que traz a teoria do estilo como *design* de audiência, ou seja, quando o falante, em sua interação discursiva, acomoda seu estilo para que sua fala se identifique com a de seu interlocutor. Como poderá ser visto, não localizamos nenhum trecho que evidencia tal concepção de forma isolada, razão pela qual esta seção recebe o nome de “concepção de Bell e Labov”. Na sequência, apresentamos os excertos nº 6, que diz respeito a uma competência específica para o ensino fundamental, nº 7, que diz respeito a uma habilidade no campo jornalístico-midiático, nº 8, que se refere a uma competência específica para a compreensão das línguas e seu funcionamento, e nº 9, que diz respeito a uma habilidade relacionada ao recursos linguísticos.

Excerto nº 6

⁴ De acordo com Brasil (2017), esse código se refere à uma habilidade proposta na área de língua portuguesa nos Campos de atuação social, competências específicas e habilidades do ensino médio.

“Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual” (BRASIL, 2017, p. 87).

Excerto nº 7

“(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação -, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc” (BRASIL, 2017, p.143).

Ao analisar os trechos nº 6 e nº 7, verificamos que a BNCC menciona que se deve “empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es)”. Portanto, entendemos que há duas concepções de estilos diferentes nesses excertos: a primeira concepção de estilo está relacionada a Labov (2011); a outra, que faz menção aos interlocutores, está ligada à concepção de estilo de Bell (2001), abordado como *design* de audiência. Como menciona Silva (2016), nessa concepção, o estilo é a resposta do falante para a sua audiência, ou seja, o sujeito em algumas situações adapta a sua fala para os seus interlocutores. Nessa concepção, o estilo do falante varia pela influência dos seus interlocutores, assim, o seu estilo se acomoda ao ouvinte durante a interação.

Excerto nº 8

“COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 4 Compreender as línguas como fenômeno (geo)político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer

natureza. Essa competência específica indica a necessidade de, ao final do Ensino Médio, os estudantes compreenderem as línguas e seu funcionamento como fenômeno marcado pela heterogeneidade e variedade de registros, dialetos, idioletos, estilizações e usos, respeitando os fenômenos da variação e diversidade linguística, sem preconceitos. Ela também diz respeito à utilização das línguas de maneira adequada à situação de produção dos discursos, considerando a variedade e o registro, os campos de atuação social, e os contextos e interlocutores específicos, por meio de processos de estilização, seleção e organização dos recursos linguísticos”. (BRASIL, 2017, p.494)

Excerto nº 9

“(EM13LGG402)⁵ Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de língua adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso, respeitando os usos das línguas por esse(s) interlocutor(es) e sem preconceito linguístico” (BRASIL, 2017, p.494).

Nos recortes nº 8 e nº 9, a BNCC traz a questão do contexto de uso, ou seja, o estilo como adequação à situação comunicativa e, também, explicitamente, revela a questão dos interlocutores, essencial na concepção de Bell (2001). Assim, constatamos que há a presença de duas concepções de estilos nesses trechos. Quando o texto discorre sobre a adequação à situação comunicativa, está revelando a noção de estilo de Labov (2006 *apud* MACHADO, 2012), que é o estilo como atenção prestada à fala. Além, disso, há também a noção de estilo por *design* de audiência na qual, em uma situação comunicativa, é evidenciada a influência dos interlocutores na variação estilística. De acordo com Lima (2018), o que está por trás da concepção de estilo para Bell é a teoria da acomodação da fala: o falante, diante dos seus interlocutores, tem a capacidade de adaptar o seu discurso, fazendo que seu estilo alterne.

5.3 CONCEPÇÃO DE ECKERT

Esta seção traz a análise dos trechos que fazem menção à noção de estilo proposta por Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011). Essa concepção de estilo é vista como um processo de bricolagem, ou seja, o falante possui alguns recursos de linguagem e os usa para construir novos estilos. Essa prática estilística, que considera as práticas sociais, faz com que

⁵ De acordo com Brasil (2017), esse código se refere à uma habilidade proposta na área de linguagens e suas tecnologias no ensino médio: Competências e habilidades.

o sujeito passe por um processo de construção de identidade. Na sequência, apresentamos o excerto nº 10, que diz respeito a uma habilidade de prática de leitura, escuta, produção de textos e análise linguística/semiótica.

Excerto nº 10

“(EMI3LP15)⁶ Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir.” (BRASIL, 2017, p.509).

Nesse excerto de nº 10, a BNCC traz uma menção ao que a concepção de Eckert (2000) discute: “considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo”. Entendemos que é levada em consideração a imagem do falante e o que ele pretender revelar. Esse processo está ligado ao que Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011) defende como uma questão ligada à construção de identidades. De acordo com Veloso (2014), o sujeito pode adotar um estilo ou outro, dependendo do grupo do qual faz parte. O falante, a partir dos recursos linguísticos que possui, pode criar um novo estilo, revelando sua identidade e o grupo social ao qual pertence.

5.4 QUADRO DE INFORMAÇÕES DOS TRECHOS ANALISADOS

No quadro 1, mostramos em quais seções e áreas da BNCC os trechos selecionados se encontram. O quadro está organizado da seguinte forma: a primeira coluna identifica as concepções de estilo de Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), de Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) e de Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011). Na

⁶ De acordo com Brasil (2017), esse código se refere à uma habilidade proposta na área de língua portuguesa no ensino médio: Campos de atuação social, competências específicas e habilidades.

segunda coluna, estão as seções das quais extraímos os trechos que foram analisados. A terceira coluna mostra em qual área da BNCC se encontram tais excertos e, por fim, na última coluna, há a indicação da página.

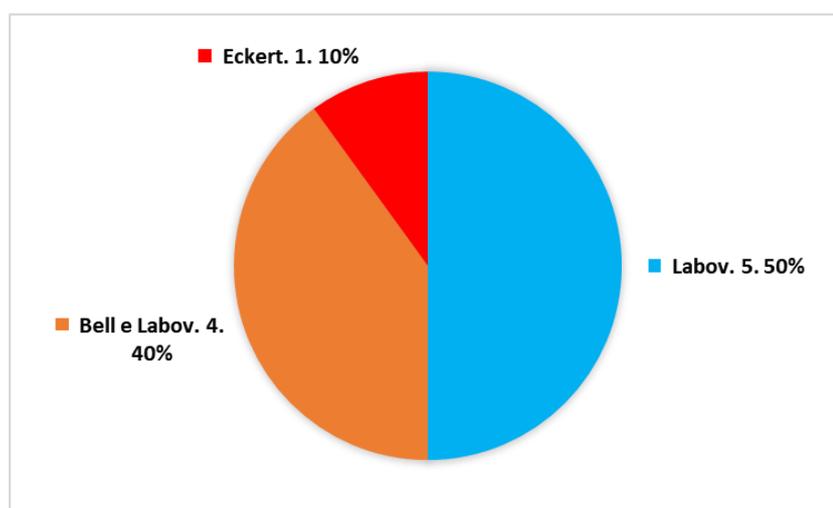
Quadro 1 – Contextualização dos trechos analisados

CONCEPÇÃO DE ESTILO	SEÇÃO	ÁREA DA BNCC	PÁGINA
LABOV	Seção 4.1.1 de Língua Portuguesa - Ensino Fundamental	Eixo de produção de textos	p. 78
LABOV	Seção 4.1.1 de Língua Portuguesa- Ensino fundamental	Eixo da oralidade – Relação entre fala e escrita	p. 80
LABOV	Seção 4.1.1 de Língua Portuguesa- Ensino fundamental	Eixo da Análise Linguística/Semiótica	p. 80
LABOV	Seção 4.1.1.2 de Língua portuguesa – Ensino fundamental -Anos finais	Práticas de linguagens-eixo da oralidade/ habilidades	p. 145
LABOV	Seção 5.1.2.1 de Língua portuguesa-Ensino Médio	Todos os campos de atuação social- habilidades	p. 509
BELL E LABOV	Seção 4.1.1 de Língua portuguesa- Ensino fundamental	Competências específicas de Língua portuguesa	p. 87
BELL E LABOV	Seção 4.1.1.2 de Língua portuguesa - Ensino fundamental - anos finais	Práticas de linguagem- produção de textos- habilidades	p. 143
BELL E LABOV	Seção 5.1.1 - Linguagens e suas tecnologia- Ensino médio	Competência específica 4	p. 494
BELL E LABOV	Seção 5.1.1 - Linguagens e suas tecnologia- Ensino médio	Habilidades	p. 494
ECKERT	Seção 5.1.2.1- Língua portuguesa- Ensino médio	Todos os campos de atuação social- habilidades	p. 509

Por meio do quadro 1, é possível verificar que os trechos que fazem menção à noção de estilo de Labov (2006), em sua maioria, estão concentrados na seção do ensino fundamental de língua portuguesa, nos eixos de produção de textos/oralidade e habilidades. Na concepção de Bell (2001) e Labov (2006), os fragmentos se distribuem no ensino fundamental e médio, na área das habilidades e competências da BNCC. Já a concepção de estilo de Eckert (2000) é revelada em uma habilidade apenas, no ensino médio. Em síntese, constatamos que, nas diferentes áreas da Língua portuguesa em que essas concepções foram encontradas, é notório o predomínio de uma concepção de estilo em relação às demais na BNCC.

O gráfico 1 traz a noção de estilo predominante na BNCC.

Gráfico 1- Concepções da BNCC



Fonte: Martin, 2021.

Conforme os números indicam, a variação estilística está presente na BNCC e, apesar de todas as concepções serem identificadas, uma delas é predominante, ou seja, a de Labov (2006), com frequência de 50%. Como já mencionamos, essa concepção pode ser interpretada como uma noção mais passiva de estilo. Como já foi mencionado, é possível afirmar que o foco dessa concepção é a atenção prestada à fala em função do contexto.

Em relação à concepção de Bell (2001), o estilo como design de audiência, foi identificada em quatro fragmentos, sempre associada à concepção de Labov (2006).

Conforme o gráfico, há apenas um trecho que traz a concepção de Eckert (2011), a

qual discute a questão da construção de identidade. Ao analisarmos esses recortes, identificamos que apenas no ensino médio essa noção de estilo como prática social ocorre. Diante disso, podemos refletir e questionar o porquê de essa concepção não aparecer no ensino fundamental. Será que os alunos não possuiriam, no ensino fundamental, a capacidade de compreender essa possibilidade de construir um novo estilo e ter um papel mais ativo, a partir do qual podem revelar sua identidade e o grupo social ao qual pertencem?

Fica implícita a ideia de que é no ensino médio que o grau de autonomia dos alunos é maior para compreender essa noção mais ativa de estilo, em que o falante constrói sua identidade e revela o grupo social do qual faz parte. Entretanto, acreditamos que os alunos do ensino fundamental, por mais que possam ter menos autonomia, também revelam muito de suas identidades e dos grupos sociais a que pertencem, de maneira que teriam condições de compreender uma noção de estilo baseada em Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011) observando suas próprias vivências de interação social.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados obtidos, foi possível verificar que a BNCC faz menção, explícita e implicitamente, à noção de adequação linguística e à noção de estilo, nos fragmentos analisados.

Com relação aos dez trechos analisados, identificamos as três concepções de estilo presentes na BNCC: e a de Labov (2006 *apud* HORA; WETZELS, 2011), a de Bell (1984, 2001 *apud* HORA; WETZELS, 2011) e a de Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011).

Quanto ao predomínio de uma concepção em relação às demais, observamos que há uma predominância do estilo proposto por Labov (2006), que leva em consideração o contexto de formalidade/informalidade, a partir do qual o falante presta uma atenção maior ou menor à sua própria fala. No que diz respeito a essa noção de estilo por Labov, bastante frequente na BNCC, trata-se de uma noção mais passiva de estilo, ou seja, o sujeito se adapta de acordo com o ambiente.

Em relação à noção de estilo por Bell (2010), como design de audiência, identificamos essa concepção sempre associada ao estilo por Labov (2006).

Observamos que a concepção de estilo de Eckert (2000) apareceu apenas uma vez, no ensino médio. Como menciona Mangabeira (2016), essa concepção é vista como um processo de bricolagem no qual o falante tem um papel mais ativo de estilo, ou seja, a partir da variação estilística, o falante constrói sua identidade, cria significados sociais e revela a que grupo social está relacionado.

A presença das três noções de estilo presentes na BNCC é vista de forma positiva, pois essas noções de estilo não se excluem, não se substituem e não existe uma melhor do que a outra; elas se complementam, refletindo a evolução da discussão sobre a variação estilística no decorrer do tempo. Pensamos que essas concepções poderiam estar mais distribuídas em todas as áreas da BNCC.

Com relação à concepção de estilo por Eckert (2000 *apud* HORA; WETZELS, 2011) que está presente apenas no ensino médio, vemos que a BNCC supõe que os alunos do ensino fundamental não compreenderiam a noção de estilo como construção de identidade por ser mais complexa. Compreendemos que esses alunos teriam condições de entender o que a noção de estilo por Eckert aborda, porque, a partir de suas vivências e interações sociais, esses alunos revelam que sabem alternar seu estilo a partir dessa questão identitária.

Com base no tema, na análise empreendida e nos resultados obtidos, podemos afirmar que este trabalho traz uma importante contribuição para a formação de professores, haja vista

que a variação estilística se faz presente em sala de aula. Estudos dessa natureza devem ser discutidos e os profissionais da educação precisam estar capacitados para trabalhar com essas diversidades linguísticas, a fim de que possam desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento dos alunos, possibilitando a compressão dos diversos usos da linguagem na construção de suas identidades e o papel social que desempenham.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux. **Revista Linguagem: Estudos e Pesquisas**. v. 18, n. 1, p. 181-206, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/35042>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de out. de 1988. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_15.12.2016/art_210_.asp/ . Acesso em: 08 Jul. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. (2016) **Histórico da base nacional comum curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/historico>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. (2017). **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/11/7._Orienta%C3%A7%C3%B5es_aos_Conselhos.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. (2018). **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.
- CASSIMIRO, S. Um panorama da sociolinguística: da abordagem variacionista aos estudos de estilo. **Sociodialeto**, v. 9, n. 26, p. 422-443, nov. 2018. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/111/>. Acesso em: 07 jul. 2020.
- CONCHALO, M. **A variação estilística na concordância nominal e verbal como construção de identidade social**. 2015. Tese (doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/154710>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- CORTINAZ, T. **A construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Fundamental e sua relação com os conhecimentos escolares**. 2019. Tese (doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/202032>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CURY, C. REIS, M. ZANARDI, T. **Base Nacional Comum Curricular: Dilemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2018.

FREITAG, R.; MARTINS, M.; TAVARES, M. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. **Alfa: Revista de Linguística**, São José Rio Preto, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a09v56n3.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

FREITAS, F.; DA SILVA, J.; LEITE, M. Diretrizes Invisíveis e Regras Distributivas nas Políticas Curriculares da Nova BNCC. **Currículo sem Fronteiras**, v. 18, n. 3, p. 857-870, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol18iss3articles/freitas-silva-leite.pdf/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

HORA, D. da; WETZELS, L. A variação linguística e as restrições estilísticas. **Revista Da Abralin**, v. 10, n. 3, p. 147-188, dez. 2011. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1089/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MACHADO, R. Abordagens sobre o estilo nos estudos variacionistas. **Gelne**, Natal, RN, n. 24, p. 1-9, set. 2012. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/programacao.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

MANGABEIRA, A. **Variação na concordância nominal, prática social e identidade entre jovens e adultos do centro do trabalhador**. 2016. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/182975/>. Acesso em: 05 jul. 2020.

NOGUEIRA, C. **Significados sociais da variação estilística em esquetes de rádio**. 2010. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270425/>. Acesso em: 07 jul. 2020.

PONTES, V.; LIMA, J. Proposta de análise estilística para o estudo da variação entre as formas de tratamento tú e usted. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, v. 7, n. 1, p. 143-166, jan.-abr. 2018. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/52769/1/2018_art_vopontesjvmlima.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

PRADO, A. **Concepções de língua(gem) e de ensino de língua portuguesa na perspectiva do aluno** 2019. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais.

Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-BB5Q8A>. Acesso em: 03 fev. 2020.

ROCHA, J. **A base nacional comum curricular (bncc): ensino de língua e política linguística**. 2019. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR. Programa de Pós-Graduação (stricto sensu) em Estudos da Linguagem, Ponta Grossa, 2019. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/2987>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SANTANA, A. Ideologias linguísticas: Uma breve análise da bncc. **Revista X**, Letras, v. 15, n. 5, p. 74-100, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/73228>. Acesso em: 03 fev. 2020.

SILVA, M. V.; SANTOS, J. M. C.T. A BNCC e as implicações para o currículo da educação básica. In: Congresso Nacional da Diversidade, 1., 2018, Natal. Anais [Artigo...] Natal: Conadis, 2018. p. 1-12. Disponível em <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/50466>. Acesso em: 27 ago. 2019.

SILVA, R. **Marcadores discursivos interacionais na fala de adolescentes escolares: acomodação linguística e identidade social**. 2016. f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe. Programa de Pós-Graduação em Letras, Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/5701>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SOUZA, A. SIMINONI, T. Um estudo sobre adequação, variação estilística e educação linguística. (manuscrito)

TORMA, K. Comunidades de prática: uma sociolinguística responsável para o ensino-aprendizagem da língua franca inglês como língua adicional. In: **Iii Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade**, 14. 2012 São Paulo. Anais [Artigo...] São Paulo: USP, 2012. p. 1-16. Disponível em: https://www.iel.unicamp.br/sidis/anais/pdf/TORMA_KATHY_REJANE_PESTANA.pdf. Acesso em: 20 jul. 2020.

TRICHES, E. **A formulação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e concepções em disputa sobre o processo alfabetizador da criança (2015-2017)**. 2018. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018. Disponível em: <http://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/handle/prefix/1115/>. Acesso em: 05 Jul. 2020.

VELOSO, R. As três ondas da Sociolinguística e um estudo em comunidades de práticas. In: **XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina**, 12., 2014, João Pessoa. Anais [Artigo...] João Pessoa: ALFAL, 2014, p. 1740-1749. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1026-1.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.